

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

METODOLOGIAS NÃO-EXTRATIVISTAS E IMAGINAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: POR UMA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA PÓS-ABISSAL

NON-EXTRACTIVE METHODOLOGIES AND EPISTEMOLOGICAL IMAGINATION: TOWARDS A POST-ABYSSAL BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE

Felipe Arthur Cordeiro Alves – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba (IFPB)

Esdras Renan Farias Dantas – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Edivanio Duarte de Souza – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: a sociedade contemporânea enfrenta inúmeros desafios decorrentes da crescente exploração de recursos naturais. Contudo, no ambiente acadêmico, outra forma de exploração persiste silenciosamente: o extrativismo epistêmico (especialmente o metodológico), e a carência de espaço para a imaginação na construção do conhecimento científico. Esta comunicação, oriunda de uma tese de doutorado, tem como objetivo apresentar as metodologias não-extrativistas e a imaginação epistemológica como alternativas teórico-metodológicas para o desenvolvimento de uma Ciência da Informação brasileira pós-abissal. O presente estudo, de natureza teórico-descritiva com abordagem qualitativa, busca um “conhecer-com” o referencial teórico no campo de estudo. O arcabouço teórico-metodológico evidencia os elementos da colonialidade do saber que têm influenciado a Ciência da Informação brasileira desde o seu início. Destaca-se a intenção de adoção de metodologias universalistas para o campo, trazidas por *outsiders* que atuaram na implantação da área no país. Além disso, demonstra como o produtivismo acadêmico pode ser prejudicial à qualidade dos construtos científicos e como a vida contemplativa e a imaginação epistemológica podem auxiliar no desenvolvimento epistêmico do campo. Considera-se necessária a análise da produção científica de pesquisadores da Ciência da Informação brasileira, inserida em diversas bases de dados, para identificar posturas extrativistas e não-extrativistas metodologicamente. Do mesmo modo, é fundamental ouvir os pesquisadores acerca das dificuldades em exercitar a contemplação e a imaginação epistemológica em suas diversas dimensões.

Palavras-chave: colonialidade do saber; metodologias não-extrativistas; imaginação epistemológica.

Abstract: contemporary society faces numerous challenges arising from the increasing exploitation of natural resources. However, in the academic environment, another form of exploration persists silently, epistemic extractivism, especially methodological, and the lack of space for imagination in the construction of scientific knowledge. This communication, arising from a doctoral thesis, aims to present non-extractive methodologies and epistemological imagination as theoretical-methodological alternatives for the development of a post-abyssal Brazilian Information Science. The present study, of a theoretical-descriptive nature with a qualitative approach, seeks to “get to know-with” the theoretical framework in the field of study. The theoretical-methodological framework highlights the

elements of the coloniality of knowledge that have influenced Brazilian Information Science since its beginning. The intention to adopt universalist methodologies for the field, brought by outsiders who worked in the implementation of the area in the country, stands out. Furthermore, it demonstrates how academic productivism can be harmful to the quality of scientific constructs and how the contemplative life and epistemological imagination can help in the epistemic development of the field. It is considered necessary to analyze the scientific production of Brazilian Information Science researchers, inserted in various databases, to identify extractive and non-extractive stances methodologically. Likewise, it is essential to listen to researchers about the difficulties in exercising contemplation and epistemological imagination in its various dimensions.

Keywords: coloniality of knowledge; non-extractive methodologies; epistemological imagination.

1 INTRODUÇÃO

A presente reflexão é fruto do amadurecimento teórico-metodológico dos autores deste estudo, em cujo trajeto intelectual, a interlocução com a obra de Boaventura de Sousa Santos (Santos, 1995, 2018, 2019) revelou-se crucial, catalisando uma desconstrução da cegueira epistemológica, em um processo análogo à epifania de Paulo de Tarso, apóstolo cristão e filósofo político (Dussel, 2014). A percepção inicial de que o fim do colonialismo histórico não implicou o desaparecimento das dominações coloniais, mas que estas persistem através da colonialidade, o lado obscuro da Modernidade (Mignolo, 2017), impulsionou a continuidade dessa jornada. Tal percurso evidenciou a necessidade de um processo contínuo de reeducação do olhar, da fala e, sobretudo, da prática de pesquisa e das relações estabelecidas entre pesquisadores, sujeitos e campo de estudo.

Em um cenário global de intensos debates sobre a exploração de recursos naturais, o aquecimento global e o urgente “cuidado da casa comum” (Francisco, 2015), torna-se imperativo refletir sobre o extrativismo epistêmico e as abordagens teórico-metodológicas que moldam a produção científica, especialmente, na Ciência da Informação brasileira. A colonialidade do saber manifesta-se de diversas formas, sendo uma delas a imposição de metodologias universalistas. O pensamento moderno, ao ditar um padrão universal e eurocêntrico de produção de conhecimento, desconsidera as particularidades dos sujeitos e dos campos de estudo, favorecendo o desenvolvimento de conhecimentos que negligenciam as realidades locais e podem, conseqüentemente, resultar na formulação de saberes alienados das vivências daqueles sujeitos.

Santos (2019) questiona como é possível produzir saberes confiáveis por meio de métodos não convencionais, já que as metodologias da ciência moderna são extrativistas e ligadas ao colonialismo, ao capitalismo e ao patriarcado. Delimitando essa questão no

contexto da Ciência da Informação, é possível indagar: como esse campo científico pode gerar conhecimento confiável e aceitável utilizando metodologias que se desviam dos padrões impostos pela ciência moderna?

Este trabalho apresenta parte da discussão teórico-metodológica de uma tese de doutorado (Alves, 2025) que investigou a dinâmica das influências da colonialidade do saber na Ciência da Informação brasileira. Nesse contexto, o presente estudo propõe apresentar as metodologias não-extrativistas e a imaginação epistemológica como alternativas teórico-metodológicas para o desenvolvimento de uma Ciência da Informação brasileira pós-abissal.

A justificativa desta abordagem reside na potencialidade de as metodologias não-extrativistas aproximarem a Ciência da Informação de sua responsabilidade social como ciência social aplicada. Essa fomenta um contato mais profícuo entre cientistas da informação e os diversos campos de estudo, trazendo benefícios para os sujeitos informacionais envolvidos e para a área em si. Adicionalmente, a adesão a essa postura epistemológica por parte dos pesquisadores da área pode impulsionar a construção de uma identidade nacional do campo, que reconheça as particularidades brasileiras e a relação do nosso povo com os fenômenos informacionais.

Este trabalho está estruturado em quatro seções textuais, incluindo a introdução. A segunda seção detalha a metodologia da pesquisa, abrangendo a caracterização do estudo, a coleta de dados, e as análises e as discussões dos achados científicos. A terceira seção apresenta as metodologias não-extrativistas e a imaginação epistemológica como alternativas teórico-metodológicas, descrevendo os resultados e os apontamentos teórico-metodológicos da pesquisa. Finalmente, a quinta seção apresenta as considerações finais e as perspectivas futuras da pesquisa.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

A metodologia deste estudo, alinhada à pesquisa que o fundamenta (Alves, 2025), possui natureza teórico-descritiva e abordagem qualitativa. Pesquisas descritivas detalham características de populações ou fenômenos e podem identificar relações entre variáveis, sendo comuns em estudos profissionais. Algumas se aprofundam na natureza dessas relações, aproximando-se da explicação, enquanto outras, apesar de descritivas em seus objetivos, oferecem novas perspectivas, assemelhando-se àquilo que é tido como pesquisa exploratória (Gil, 2022). Adicionalmente, esta pesquisa busca “conhecer-com” os sujeitos através da

bibliografia levantada no estudo preliminar, exercitando a imaginação epistemológica (Santos, 2019).

No que concerne aos procedimentos de coleta e análise de dados, este estudo ampliou o referencial teórico da pesquisa preliminar que o inspirou. Para tanto, expandiu o referencial teórico da pesquisa preliminar, incorporando tanto críticas intra-europeias quanto extra-europeias à modernidade, em um exercício de diálogo intercultural. Aquelas, representadas por autores como Bachelard, Foucault e Boaventura de Sousa Santos, embora importantes, ainda se enquadram na tradição ocidental (Oliveira; Gomes, 2021). Em contraste, estas, lideradas pelo grupo Modernidade/Colonialidade, analisam realidades locais para desvelar aspectos da modernidade negligenciados pelos discursos hegemônicos, especialmente aqueles relacionados a sujeitos colonizados. A obra “A colonialidade do saber – eurocentrismo e ciências sociais” (2003), organizada por Edgardo Lander, é um marco desse movimento. O trabalho também busca conciliar essas perspectivas com estudos de cientistas da informação encontrados na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci).

A pesquisa se alinha ao paradigma da transmodernidade que, no entendimento de Dussel (2016), se dá a partir da transição de culturas pré-modernas, em processo de renascimento, que não se adequam nem na Modernidade nem na Pós-modernidade. A rigor, conforme Grosfoguel (2016), a transmodernidade é marcada pelo diálogo interfilosófico, valorizando a diversidade e a colaboração ("muitos decidem com muitos") em oposição ao modelo impositivo da Modernidade ("um define pelos outros"). Assim, a transmodernidade é um caminho para valorizar múltiplas tradições de conhecimento.

3 ALTERNATIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA UMA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PÓS-ABISSAL

A Ciência da Informação brasileira foi precedida de uma infraestrutura pré-existente, advinda, principalmente, da Bibliografia e da Documentação. Oddone (2006) pontua que aquele campo informacional não surgiu no Brasil em “um terreno estéril”. Ao contrário, sua emergência ocorreu em uma ambiência onde outros saberes já estavam constituídos, deixando vestígios em sua concepção e sua formatação. Desse modo, a Ciência da Informação brasileira busca ampliar a sua identidade e desenvolver abordagens que reflitam suas particularidades e o contexto nacional. Para isso, é crucial superar o “extrativismo epistêmico” — caracterizado, por vezes, pela acrítica importação e apropriação de conhecimentos —

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

visando a uma produção científica mais autônoma, contextualizada e responsiva aos desafios informacionais contemporâneos da sociedade brasileira.

Munanga (2005) considera que não podemos esquecer que somos frutos de uma educação eurocêntrica, o que contribui para a reprodução de preconceitos presentes na sociedade. Vale salientar que a Ciência da Informação no Brasil e no mundo não permaneceu imune aos ditames do conhecimento moderno universal eurocêntrico e da colonialidade. Nesse sentido, é relevante considerar que há “uma mentalidade portuguesa encravada na América Latina” (Krenak, 2021, p. 17). A perspectiva colonialista obscurece nossa visão, cegando aqueles que se colocam acima dessa realidade e ocultando as experiências daqueles que a vivenciam em sua profundidade (Krenak, 2021).

Consoante Mignolo (2017), o colonialismo histórico perpetua-se como colonialidade, a face obscura da modernidade, transformando uma ordem mundial policêntrica pré-século XVI em um sistema monocêntrico e capitalista entre 1500 e 2000. A colonialidade também engendrou uma transformação epistemológica ligada ao Renascimento Europeu, na medida em que se manifesta nas dimensões interconectadas de poder, de ser e de saber. Esse processo impacta a existência dos colonizados, estabelecendo hierarquias culturais e raciais, impondo uma visão de mundo e epistemologias eurocêntricas, que alcançam a própria ontologia do ser (Oliveira; Silva, 2021).

Este estudo foca na colonialidade do saber, que Alves (2025) considera como a perpetuação das estruturas de poder e de conhecimento coloniais, mesmo após a independência política. Essas estruturas simbólicas, muitas vezes invisíveis, influenciam a academia, a pesquisa e a valorização de certas epistemologias em detrimento de outras. Os traços coloniais na produção do saber incluem eurocentrismo, desvalorização de saberes tradicionais, padronização do conhecimento, imposição de linguagens tecnicistas e a marginalização de conhecimentos orais ou não documentais.

Há de se destacar que existem muitos elementos da colonialidade do saber, dentre eles a imposição de metodologias universalistas, em que o conhecimento é tratado de modo genérico e não leva em consideração as particularidades do campo de estudo. A Figura 1 sintetiza alguns dos elementos da colonialidade do saber.

Em síntese, os elementos da colonialidade do saber, conforme elencados por Alves (2025), revelam uma dependência epistêmica do Sul Global em relação ao Norte Global, na produção e na validação do conhecimento científico. Isso se manifesta, sobretudo, nos países

onde as universidades foram implementadas tardiamente, com a frequente intervenção de pesquisadores estrangeiros (*outsiders*), que auxiliaram na implantação de campos científicos. Tal cenário demonstra uma supremacia dos conhecimentos do Norte Global, resultando em uma hierarquização epistemológica que inerentemente deprecia o saber produzido no Sul Global.

Figura 1 – Mapa teórico-conceitual dos elementos da colonialidade do saber



Fonte: extraído de Alves (2025).

O conhecimento moderno ocidental desvaloriza saberes locais ao impor metodologias extrativistas e universais. Ao ignorarem as particularidades de países “do outro lado da linha abissal de conhecimento”, essas abordagens silenciam saberes de povos em situação de vulnerabilidade social.

O extrativismo intelectual, cognitivo ou epistêmico expõe a mentalidade colonizadora ocidental ao se apropriar dos saberes de povos originários e de comunidades locais, desrespeitando a ancestralidade e a originalidade desses sujeitos. Essa prática extrai ideias para as colonizar sob a lógica eurocêntrica, despolitizando e as ressignificando, transformando-as em capital econômico ou simbólico e impedindo o diálogo horizontal e a compreensão desses saberes em seus próprios termos. Facilitada por uma estrutura global de poder desigual, essa dinâmica perpetua a marginalização do Sul Global e a hegemonia da episteme ocidental (Grosfoguel, 2016).

Nesta conjuntura, as metodologias não-extrativistas vão de encontro ao extrativismo cognitivo. Consoante a Fasanello, Nunes e Porto (2018), o desafio estratégico das Epistemologias do Sul é construir conhecimento em colaboração com os excluídos do “Sul Global”, como pessoas, comunidades e movimentos sociais. Esse é o sentido fundamental das

metodologias colaborativas não-extrativistas. Elas vão além das metodologias participativas, pois a participação é vista como uma “co-criação” para a produção de conhecimentos “co-labor-ativos”. A intervenção no mundo é uma “co-responsabilidade” decorrente desse trabalho conjunto, um “colaborar” com natureza ética, política e epistemológica. Pensar em metodologias colaborativas não-extrativistas não é apenas expressar diferentes perspectivas, mas reconhecer as populações e as comunidades como portadoras de saberes legítimos e interagir com elas de forma horizontal.

Na Ciência da Informação brasileira, alguns estudos indicam a absorção parcial da perspectiva moderna extrativista. Alves (2025) constata que, no primeiro mestrado deste campo, no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), *outsiders* que atuaram na implantação da área no país manifestavam essa intenção. Em um contexto mais amplo da formação, Saracevic (1974) descreve o desenvolvimento e a implementação de um curso introdutório nesta disciplina para estudantes sem formação prévia. A singularidade do curso LS 524, oferecido na *School of Library Science da Case Western Reserve University*, residia em ser a única exposição dos alunos ao assunto, exigindo adaptações específicas no planejamento. A experiência com este e outros cursos na instituição resultou em um livro-texto que refletia o conteúdo e a abordagem adotados. O pesquisador acreditava que a motivação, os objetivos, a definição e a estrutura adotados no curso, bem como a metodologia de ensino, poderiam ser generalizados e aplicados em outros programas que buscassem integrar a área à Biblioteconomia.

Nesse contexto, fica evidente a intenção do autor em propor uma metodologia de ensino universalista para o campo, com características generalistas que, em grande medida, desconsideravam os contextos e os saberes locais. É importante notar que os fenômenos informacionais podem apresentar atenuantes ou agravantes dependendo do local onde estão inseridos. De fato, Alves (2025) argumenta que a colonialidade do saber se manifesta na tensão entre projetos globais e histórias locais. No âmbito da Ciência da Informação brasileira, a implantação da área, a importação de modelos educacionais estrangeiros, as metodologias universalistas e a presença de *outsiders* para sua implementação são exemplos claros dessa dinâmica. O autor ainda destaca, em sua revisão de literatura, que houve resistência por parte dos discentes em aceitar essas metodologias. Logo no início desse processo, Gomes (1974, n. p.) já ponderava:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

A presença de professores norte-americanos e ingleses tem constituído uma experiência válida para os estudantes pela diversidade de enfoque de ambos os grupos aos mesmos problemas. Esse fato tem enriquecido bastante o curso. Uma dificuldade, contudo, que os estudantes apresentam e que nos tem causado bastante perplexidade, é a aceitação da metodologia daqueles professores. Mudar a mentalidade desses estudantes, fazendo-os sentir que o mestrado é um curso que deve estimular a indagação, tem sido bastante difícil. As observações, improcedentes em nossa opinião, partem de profissionais experientes e, talvez por isso mesmo, fechados a inovações.

A pesquisadora brasileira atribui o problema aos próprios pesquisadores do país, uma perspectiva compreensível dada sua participação direta no curso. No entanto, é crucial ponderar que essa resistência pode estar intrinsecamente ligada a características mais amplas vinculadas à modernidade e à colonialidade dos saberes, que se manifestam na imposição de metodologias universalistas. Tais metodologias, comparáveis a vestimentas padronizadas, negligenciam a rica diversidade dos contextos de pesquisa.

A influência estrangeira na Ciência da Informação brasileira não pode ser considerada inócua. Almeida, Alves e Silva (2021) corroboram essa perspectiva, argumentando que a identidade da área no Brasil foi predominantemente moldada por referenciais norte-americanos e europeus. A pesquisa que realizaram, há pouco tempo, é reveladora acerca dessa condição: 75% das referências em cursos de Fundamentos da Ciência da Informação ou correlatos, em 16 programas de pós-graduação brasileiros, são de autores estrangeiros, em contraste com apenas 25% de autores nacionais. Adicionalmente, constataram uma maior valorização de pesquisadores estrangeiros em detrimento dos nacionais, mesmo após 50 anos de institucionalização do campo no Brasil.

Conforme Alves (2025), é crucial reconhecer que a colonialidade do saber desempenhou um papel estruturante, e não periférico, na trajetória da Ciência da Informação brasileira. Ela moldou as bases teóricas, metodológicas e práticas da área, evidenciando-se na adoção de modelos estrangeiros, na hierarquização do conhecimento, na dependência epistêmica, na marginalização de perspectivas críticas e no silenciamento de saberes nacionais.

De acordo com Santos (2019), as pesquisas científicas podem ser conduzidas com três posturas metodológicas, a saber: **extrativista**, quando o pesquisador tem pouco ou nenhum envolvimento com a comunidade, focando apenas na extração de dados e conhecimentos, o que objetifica os sujeitos da pesquisa; **“conhecer-com”**, situação em que há um envolvimento

moderado, onde o pesquisador busca aprender *com* os locais e estabelece uma relação de sujeito-sujeito; e “**ser-com**”, que se caracteriza por um alto nível de envolvimento do pesquisador com a comunidade. Esta postura vai além da relação sujeito-sujeito, buscando criar uma “ecologia de saberes” que integra o conhecimento local ao científico. As duas últimas posturas são não-extrativistas.

Os tipos de posturas de pesquisadores supradescritos oferecem um valioso quadro para analisar a relação entre pesquisadores e comunidades investigadas, especialmente em contextos marcados pela colonialidade do saber. A postura extrativista, com seu foco na objetificação e na extração de dados, ecoa as dinâmicas de poder desiguais historicamente presentes na produção moderna de conhecimento. Em contrapartida, as abordagens “conhecer-com” e “ser-com”, embora em níveis diferentes, sinalizam caminhos não-extrativistas e um movimento em direção a desenhos teórico-metodológicos mais engajados e dialógicos. Essas posturas buscam construir conhecimento cooperativo que integre diferentes formas de saber, representando um caminho promissor para a descolonização do pensamento científico.

Desde suas origens, a Ciência da Informação brasileira tendeu a adotar uma postura metodológica extrativista. Essa abordagem se deu em detrimento de outras que buscassem um engajamento mais profundo na construção de conhecimentos *com* o campo de estudos ou, ainda, um envolvimento do tipo “ser-com”. No recorte de sua pesquisa, Alves (2025) interpreta a atuação de *outsiders* na implantação da disciplina no Brasil, como exemplificado por Saracevic (1974), sob a perspectiva de uma missão pedagógica assimétrica. Essa missão, embora reconhecesse a *expertise* dos visitantes estrangeiros, operava sob a premissa de que o conhecimento fluía predominantemente em uma direção: do exterior para o Brasil. A interação se dava mais no âmbito do “conhecer-sobre” o contexto brasileiro do que em um genuíno “conhecer-com” os pesquisadores nacionais, o que implicava uma abertura limitada para aprender com as experiências e os saberes locais.

Romper com metodologias enraizadas e universalistas exige um amadurecimento epistemológico para que o pesquisador reconheça os impactos da colonialidade em sua própria subjetividade. Apenas com essa percepção é possível construir uma ciência pós-abissal. Conforme Santos (2019), a Ciência da Informação brasileira, para se tornar pós-abissal, precisa adotar o “conhecer-com” em vez do “conhecer-sobre”, tratando as metodologias de forma dinâmica e não como receitas estáticas. Isso significa um compromisso em fortalecer

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

as lutas sociais e combater as dominações, exigindo imaginação epistemológica e o uso de metodologias não-extratvistas.

Gurgel e Pietrocola (2011) argumentam que a imaginação científica, embora subjetiva, deve estar vinculada a compromissos e valores científicos. No entanto, parece-nos que a dificuldade atual para exercer a imaginação na ciência não se restringe aos “ditames” científicos, mas também à falta de tempo para imaginar em meio à rotina acelerada e ao excesso de informação e de comunicação da vida cotidiana.

De fato, o mundo contemporâneo, conforme Han (2015, 2017), sofre de uma “violência neuronal” impulsionada pelo excesso de trabalho e autoexploração, resultando em doenças como depressão e Síndrome de Burnout. Essa “positividade desmedida” e a sobrecarga informacional geram ruído e entropia, dificultando a imaginação epistemológica. O pensamento, que se nutre do silêncio, sofre com essa hiperatividade dos meios de comunicação, levando a uma estagnação intelectual, mesmo com a abundância de publicações. Para cultivar a imaginação e aprofundar pesquisas, é fundamental distanciar-se da urgência e adotar uma postura contemplativa, pois “só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade” (Han, 2015, p. 36).

Na Ciência da Informação, a influência positivista pode ter dificultado o exercício da imaginação. Araújo (2015) observou essa predominância nos estudos de usuários, apesar de já defender a inclusão de dimensões humanas, simbólicas, culturais e sociais, enriquecendo a área com teorias de outras disciplinas. Em outra perspectiva, Alves (2025) considera que a imaginação epistemológica, ligada a uma vida contemplativa, envolve um processo contínuo de silêncio, reeducação da percepção e da expressão, especialmente em estudos críticos à colonização. É certo, porém, que imaginação epistemológica não é um exercício simples; seu desenvolvimento abrange diversas dimensões propostas por Santos (2019) e sintetizadas por Alves (2025) no Quadro 1, que oferece um panorama multifacetado das 11 dimensões da imaginação epistemológica, constituindo um roteiro instigante para a descolonização do pensamento científico e a construção de um conhecimento mais plural e melhor engajado. A primeira dimensão estimula uma comparação horizontal entre o conhecimento científico e o artesanal, valorizando diversas formas de saber e reconhecendo o potencial de colaboração e de convergência entre elas. As dimensões subsequentes exploram a capacidade de imaginar com liberdade.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Quadro 1 – Dimensões da imaginação epistemológica

Dimensão	Descrição
1	Comparar ou contrastar o conhecimento científico e o conhecimento artesanal, a fim de imaginar as diferentes preocupações que cada um deles transmite e os diferentes interesses a que cada um deles serve ou pode servir. Esse exercício permite identificar possíveis exemplos de cooperação ou de concorrência entre os dois tipos de conhecimento [...].
2	Imaginar perspectivas surpreendentes. As epistemologias do Sul incentivam perspectivas surpreendentes, aquilo que, inspirando-se em Nietzsche, Kenneth Burke denomina “perspectivas por incongruência” (1945, p. 69), ou seja, perspectivas que fundem ou relacionam categorias que, por convenção, se excluem mutuamente [...]. Por exemplo, o conceito de sociologia das ausências alia duas realidades aparentemente incompatíveis, ou seja, estudar na realidade social o que parece aí não existir [...].
3	Imaginar, com a possibilidade de verificação posterior, as diferentes formas através das quais diferentes tipos de conhecimentos podem contribuir para uma dada luta social, a partir do ponto de vista das diferentes partes envolvidas. Os contributos em questão podem ser diretos ou indiretos, explícitos ou disfarçados do seu contrário [...].
4	Imaginar com base em dados históricos aparentemente não relacionados, diferenças e até contradições entre posições convencionalmente entendidas como estando do mesmo lado numa luta social. A impertinência do registro histórico, revisto ele próprio de um modo impertinente, é crucial para despertar a imaginação epistemológica.
5	Imaginar formas de aprendizagem combinadas com formas de desaprendizagem. Lembrando que, entre os muitos disfarces da imposição unilateral e da unilateralidade epistemológica, a abertura tolerante, a curiosidade superficial e a solidariedade filantrópica são as mais insidiosas e eficazes.
6	Imaginar sujeitos onde as epistemologias no Norte apenas veem objetos. Imaginar sujeitos ausentes onde existem saberes ausentes ou conhecimentos construídos como ausentes pela linha abissal. [...]
7	Imaginar novas cartografias da linha abissal para identificar novas divisões invisíveis entre a sociabilidade metropolitana e a sociabilidade colonial. [...] Considerar os mapas de exclusão social sendo redesenhados, passando as exclusões não-abissais a exclusões abissais [...].
8	Imaginar as consequências da não separação entre vida e investigação. Transformar o investigador social pós-abissal num artesão que usa as ferramentas metodológicas de forma criativa, ao ponto de conseguir construir o seu próprio método. Imaginar os riscos e as frustrações que o investigador pós-abissal poderá correr, consciente de que conhecer segundo a lógica pós-abissal (conhecer com e não conhecer sobre) implica a razão esquecida, isto é, o <i>corazonar</i> [...].
9	Imaginar questões civilizacionais subterraneamente, permanecendo sem resposta e nunca vindo à superfície nos debates e opções técnicas dentro dos limites da ciência moderna. Perguntar por que razão um dado problema é relevante ou mesmo crucial para um determinado conjunto de conhecimentos. Efetuar esse exercício imaginativo entre o conhecimento científico e o conhecimento artesanal. Imaginar situações nas quais a oposição entre o contexto da descoberta e o contexto da justificação configura um dilema menor do que aquele que, segundo as epistemologias do Norte, aparenta ser. [...]
10	Imaginar a busca de posições ecológicas contra as posições monopolistas para além da ecologia de saberes. [...] A imaginação epistemológica deverá incluir não só ecologia de saberes, mas também ecologias de classificação social, ecologias de escalas, ecologias de temporalidades e ecologias de produtividade [...].
11	Imaginar as ausências que não podem ser descritas pela sociologia das ausências, as emergências que nunca são mais do que potenciais ou que nunca deixam de ser ruínas por antecipação. Imaginar as epistemologias que virão depois das epistemologias do Sul para lidar com os problemas sociais e políticos por elas identificados, mas não resolvidos, ou até problemas que as epistemologias do Sul nem sequer identificaram, apesar de a sua importância ser apenas reconhecida, <i>ex post facto</i> .

Fonte: extraído de Alves (2025, p. 43).

A segunda dimensão estimula a visualização de perspectivas teóricas surpreendentes.

A terceira dimensão, por sua vez, convida a imaginar como diferentes conhecimentos podem

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

contribuir para uma determinada luta social, enquanto a quarta dimensão explora a imaginação a partir de dados históricos aparentemente não relacionados, revelando diferenças entre posições consideradas pertencentes ao mesmo lado da história.

A quinta dimensão estimula a imaginação de formas de aprendizagem combinadas com processos de desaprendizagem, reconhecendo que, por vezes, desconstruir entendimentos prévios é necessário para a compreensão de novas questões. A sexta e a sétima dimensões concentram-se na desnaturalização das fronteiras epistemológicas estabelecidas pela linha abissal do pensamento moderno, incentivando a reflexão sobre sujeitos e conhecimentos marginalizados ou ausentes no campo de estudo.

A oitava dimensão ressalta a importância de imaginar as consequências da não separação entre vida e investigação, convidando o pesquisador a se tornar um artesão que utiliza métodos de forma criativa, podendo inclusive construir sua própria abordagem, buscando sempre o “conhecer-com” em detrimento do “conhecer-sobre”. A nova dimensão desafia a imaginação de questões civilizacionais profundas negligenciadas pela ciência moderna, incentivando a expansão da imaginação para além dos limites científicos e a contemplação de outras formas de conhecimento.

Finalmente, a décima e a décima primeira dimensões direcionam o olhar para a busca de posições ecológicas de saber e de outras ecologias, reconhecendo a interconexão de diferentes conhecimentos. Adicionalmente, estimulam a imaginação de ausências que não foram reconhecidas nem pelas epistemologias do Sul nem pela sociologia das ausências.

Em suma, essas 11 dimensões da imaginação epistemológica podem oferecer um arcabouço teórico-metodológico para a Ciência da Informação brasileira e constituem um poderoso chamado à reflexão crítica e à reinvenção das práticas de pesquisa, visando à construção de conhecimentos pós-abissais mais justos, diversos e capazes de responder aos desafios complexos do mundo contemporâneo.

Aplicar metodologias não-extrativistas na Ciência da Informação, com imaginação epistemológica, significa ir além da coleta de dados para buscar a justiça cognitiva. Isso envolve desconstruir a hegemonia dos saberes acadêmicos e científicos, reconhecendo e valorizando o conhecimento de comunidades marginalizadas, como saberes ancestrais e tradições orais. Sob essa perspectiva, a Ciência da Informação se torna um ambiente de emancipação, criando espaços onde as próprias comunidades são protagonistas na construção e na gestão de seus conhecimentos. Silva, Garcez e Silva (2022) advogam a

promoção da diversidade epistêmica e da descentralização do paradigma epistemicida, valorizando a pluralidade de saberes tanto de acadêmicos quanto de saberes tradicionais.

As metodologias não-extratvistas e a imaginação epistemológica podem favorecer a criação de desenhos teórico-metodológicos artesanais para pesquisas em Ciência da Informação no Brasil. Isso é um contraponto às metodologias universalistas, que falham em captar a complexidade das realidades locais. Pesquisas desse tipo podem contribuir para a identificação de epistemicídios, o fomento a acervos e sistemas de informação comunitários, e um diálogo intercultural horizontal sobre competência informacional com comunidades tradicionais. Nesses casos, os pesquisadores aprendem com os sujeitos da localidade e, quando apropriado, também promovem a alfabetização digital e informacional, em uma troca mútua de saberes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da Ciência da Informação brasileira com a colonialidade do saber exige uma investigação aprofundada e contínua em sua literatura. Para isso, é crucial analisar a produção científica dos pesquisadores da área em diversas bases de dados. O objetivo é identificar e distinguir posturas metodologicamente extratvistas e não-extratvistas. Além disso, é fundamental compreender os desafios enfrentados pelos pesquisadores para incorporar a contemplação e a imaginação epistemológica em um cenário contemporâneo de hiperatividade e de excesso de estímulos informacionais.

Compreender as metodologias não-extratvistas e cultivar a imaginação epistemológica são, portanto, alternativas fundamentais para a construção de uma Ciência da Informação brasileira pós-abissal. Superar as dicotomias históricas e valorizar os saberes locais, periféricos e subalternizados não é apenas um imperativo ético, mas uma necessidade epistemológica para que a área possa, de fato, contribuir para soluções informacionais contextualizadas e socialmente relevantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitória Gomes; ALVES, Ermeson Nathan Pereira; SILVA, Dávila Maria Fonseca da. Territorialização de um epistemicídio. **Revista Folha de rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 9-27, jan./abr. 2021.

ALVES, Felipe Cordeiro. **A colonialidade do saber na implantação da Ciência da Informação no Brasil**: influências dos outsiders no processo de institucionalização sociocognitiva. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Imaginação e sociabilidade: novos conceitos para o estudo de usuários da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía del Sur y descolonización**. Buenos Aires: Docencia, 2014.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016.

FASANELLO, Marina Tarnowski; NUNES, João Arriscado; PORTO, Marcelo Firpo. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. **RECIIS**, [s. l.], v. 12, n. 4, 2018.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**. Vaticano, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Barueri, SP: Atlas: 2022.

GOMES, Hagar Espanha. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 3, n. 1, 1974.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

GURGEL, Ivã; PIETROCOLA, Maurício. O papel da imaginação no pensamento científico: análise da criação científica de estudantes em uma atividade didática sobre o espalhamento de Rutherford. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 91-122, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. Sobre a reciprocidade e a capacidade de juntar mundo. *In: KRENAK, Ailton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de S. O sistema e o antissistema: três ensaios, mundo três no mesmo mundo*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2021.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, pp. 1-18, jun. 2017.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO – PENESB, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 2003.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; GOMES, Raphael Carmesin. Epistemologia de fronteiras em Walter Mignolo: compreensão, críticas e implicações na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 643–677, 2021.

OLIVEIRA, Gilmar Araújo de; SILVA, Éder da. “Tudo isso é conversa para comer sem trabalhar”: capoeira, resistência decolonial. **Folha de Rostto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 161-176, 16 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

SARACEVIC, Tefko. Curso sobre Ciência da Informação para estudantes de Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 1974.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1–19, 2022.

NOTA

Este trabalho foi realizado no escopo das atividades do Projeto “Socialização do Método do Estudo Imanente em Informação”, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023, sob a supervisão do Professor Doutor Edivanio Duarte de Souza.